

## PROJETOS EXPRESSO SAÚDE

**Descoberta** O conhecimento científico ofereceu anos de vida à Humanidade, mas com a ajuda da tecnologia os maiores avanços ainda estão para vir. É preciso, porém, apoiar mais os investigadores. Conheça os galardoados dos Prémios Pfizer

# Ciência é luz. Mesmo quando os holofotes se apagam



“Este prémio dá uma grande visibilidade aos investigadores em Portugal”, aponta Leonor Saúde, uma das vencedoras

Expresso


 Prémios  
 Pfizer 65
**PRÉMIOS PFIZER**

Distinguem há 65 anos os melhores trabalhos de investigação básica e clínica. O mais antigo galardão na área da investigação biomédica em Portugal é um projeto que resulta de uma parceria entre a Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa e a Pfizer, contando com o apoio editorial do Expresso.

Textos **FRANCISCO DE ALMEIDA FERNANDES**  
 Foto **PEDRO NUNES**

**E**m 1821, a esperança média de vida de um português não ia além dos 34 anos e, segundo Maria Manuel Mota, não havia região do mundo em que esse valor ultrapassasse os 40 anos. Hoje, a expectativa de longevidade está fixada nos 81 anos em Portugal e isso deve-se aos avanços da ciência. Com a pandemia, “houve uma mediatização da ciência sem precedentes” que tornou visível a sua importância na resolução de problemas que afetam toda a sociedade. A diretora-executiva do Instituto de Medicina Molecular lembra, no entanto, o lado “menos visível” da ciência “que procura descobrir como funciona o mundo que nos rodeia” e que precisa de apoio mesmo quando se apagam os holofotes. “Não podemos fazer omeletes sem ovos, ou seja, sem financiamento sustentado não poderemos ser competitivos a nível global”, afirma.

As consequências de orçamentos curtos passam também pela fuga de cérebros. Renata Gomes é *chief scientist officer* (CSO) na Bravo Victor, uma instituição solidária de investigação

biomédica no Reino Unido, e aponta a falta de “estabilidade e apoio” como razão para ter saído de Portugal. “Precisamos de evitar distrações como pensar quando chegará o próximo ciclo de financiamento”, diz. Apesar das condições de financiamento não serem as ideais, a cientista destaca a “excelente qualidade da ciência portuguesa” e lamenta que não exista apoio suficiente para segurar os melhores recursos humanos nacionais. “Uma nação perde financeiramente e em desenvolvimento quando perde os seus grandes cientistas”, reforça. A par da melhoria de condições oferecidas aos investigadores, Susana Castro Mendes aponta o “trabalho colaborativo” como “grande oportunidade de melhoria para Portugal”, que poderá ser mais competitivo se tiver uma estratégia clara para o desenvolvimento da ciência.

A transformação digital é uma das componentes que melhor permite explorar o potencial da descoberta científica. “Aquilo em que a digitalização veio aumentar muito a produção de conhecimento tem a ver com a inteligência artificial (IA) e com o *machine learning*”, explica a diretora médica da Pfizer Portugal. Com estas tecnologias é possível analisar uma grande quantidade de dados de forma rápida e automática, que permite aumentar a eficiência dos investigadores. “A IA vai ser capaz de fazer coisas que nem os médicos mais inteligentes são capazes de fazer”, antecipa Maria Manuel Mota, que se diz otimista em relação ao futuro. Luís Graça, presidente cessante da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa (SCML), sublinha o aumento “muito rápido” dos avanços científicos apoiados na tecnologia e diz que se têm traduzido em “benefício direto para a população” a um ritmo cada vez maior.

Os três investigadores portugueses que venceram a 65ª edição dos Prémios Pfizer, uma iniciativa da SCML com a Pfizer e o apoio do Expresso, procuram precisamente contribuir para esse benefício com os seus projetos (ver caixa). Da leucemia à lúpus, passando pelos danos na medula espinhal, estes trabalhos oferecem perspectivas animadoras na descoberta

de novas soluções terapêuticas e de diagnóstico, que permitem à ciência continuar a acrescentar anos de vida à Humanidade.

sociedade@expresso.impresa.pt

**MELHORES FRASES**

**“A ciência por vezes demora tempo e requer resiliência, persistência e perseverança, mas também que acreditemos naquilo que estamos a fazer”**

João Taborda Barata  
 Investigador IMM

**“Conseguimos mostrar que a ciência tem o poder e a força transformadora de melhorar a qualidade de vida dos doentes”**

Salomé Pinho  
 Investigadora IPATIMUP

**“Temos de renovar o lado humano da medicina. A IA vai ser capaz de fazer coisas que nem os médicos mais inteligentes são capazes de fazer hoje”**

Maria Manuel Mota  
 Diretora-executiva do IMM

**OS VENCEDORES****Prémio Investigação Básica**

■ **Regeneração da medula espinhal.** A equipa liderada por Leonor Saúde, do Instituto de Medicina Molecular,

Data: 20.11.2021

Título: Ciência é luz. Mesmo quando os holofotes se apagam

Pub: **Expresso**

Tipo: Jornal Nacional Semanal

Secção: Nacional

Pág: 38

desenvolveu um trabalho que estuda o microambiente celular da medula espinhal. Os cientistas identificaram as células senescentes como moduladores do resultado regenerativo após uma lesão da medula espinhal. No peixe-zebra, células senescentes são induzidas na periferia da lesão e vão sendo progressivamente eliminadas, enquanto no murganho estas células acumulam-se e persistem ao longo do tempo. É uma estratégia terapêutica promissora não apenas para lesões da medula espinhal mas potencialmente para outros órgãos.

#### **Prémio Investigação Básica**

##### ■ **Novos tratamentos para leucemia linfoblástica aguda.**

João Taborda Barata, do Instituto de Medicina

Molecular, tem procurado aprofundar o estudo deste cancro hematológico agressivo. A sua equipa demonstrou, usando modelos animais e dados recolhidos de doentes com LLA de células T, que o aumento de expressão do recetor da interleucina-7 (IL-7R) tem potencial para originar leucemia, mesmo na ausência de mutações do recetor. Em resumo, este estudo contribui para um melhor conhecimento da biologia da doença e aponta pistas importantes para o desenvolvimento de novos tratamentos para doentes com LLA-T com expressão elevada de IL-7R.

#### **Prémio Investigação Clínica**

##### ■ **Evitar consequências graves da lupus.** Os investigadores,

liderados por Salomé Pinho, do Instituto de Patologia e Imunologia Molecular, descobriram um novo biomarcador de diagnóstico e prognóstico do Lupus Eritematoso Sistémico (LES), que é capaz de prever o desenvolvimento de doença renal crónica terminal. Poderá, eventualmente, ser usado para o diagnóstico e prognóstico de outras doenças autoimunes. Através da identificação de uma assinatura atípica de glicanos à superfície das células renais de doentes com lupus foi possível chegar a um novo mecanismo molecular, que pode ser traduzido num biomarcador com potencial para identificar doentes com maior risco de progressão para doença renal crónica.